

**Conexões UFSC: Internacionalização na prática - Episódio “A UFSC, Áfricas e suas
Diásporas na Internacionalização Universitária”**

**Conexiones UFSC: Internacionalización en la práctica: Episodio "UFSC, África y sus
diásporas en la internacionalización universitaria”**

Coordenadores do Projeto e entrevistadores:

Fernanda Leal

Gilvan Muller de Oliveira

Agripa Faria Alexandre

Entrevistada e apresentadora do Instituto Kadila:

Ilka Boaventura Leite

Participantes convidados:

Cristine Görski Severo

Simone Pereira Schmidt

Nsimba José

Mwewa Lumbwe

Amurabi Pereira Oliveira

Nataniel Cassoma Kuanza

Apoio técnico:

Caroline Finatti

Morgana Trintin

Este texto é uma transcrição adaptada da entrevista realizada ao vivo no dia 28 de maio de 2025 com a coordenadora do Instituto Kadila de Estudos Africanos e das Diásporas (<https://kadila.cfh.ufsc.br/>) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e alguns dos membros e parceiros do Instituto. A entrevista faz parte do Projeto Conexões UFSC: Internacionalização na Prática (<https://sinter.ufsc.br/webinario-conexoes-ufsc/>), que tem como objetivo promover as iniciativas de internacionalização da UFSC. O Projeto é coordenado pela Secretaria de Relações Internacionais da UFSC, em parceria com a Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo e o Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC. A gravação da entrevista está disponível no canal “UFSC Internacional”, no link <https://www.youtube.com/watch?v=xKAeUWbccOw>.

Fernanda Leal, Diretora de Relações Internacionais da UFSC

Boa tarde a todas e todos que nos acompanham. Eu sou Fernanda Leal, diretora de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje nós iniciamos mais um episódio do nosso projeto de extensão “Conexões UFSC Internacionalização na Prática”. Este projeto nasceu de uma parceria entre a Secretaria de Relações Internacionais (SINTER), a Cátedra UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo, coordenada pelo professor Gilvan Müller de Oliveira, e o Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFSC, representado pelo professor Agripa Faria Alexandre, que são os nossos entrevistadores.

Iniciamos com a apresentação da nossa convidada principal, professora Ilka Boaventura Leite, que coordena o Instituto Kadila de Estudos Africanos e das Diásporas da UFSC. Estamos muito felizes de tê-la aqui conosco. A escolha dos convidados deste mês faz alusão ao Maio África. Não poderíamos pensar diferente neste Projeto, que tem justamente o propósito de apresentar e de fomentar as iniciativas de internacionalização dos diferentes grupos que compõem a nossa Universidade.

Vou mencionar os entrevistados que estarão conosco junto com a professora Ilka Boaventura Leite, depois passarei a palavra para os professores Gilvan e Agripa. Temos aqui a professora Cristine Görski Severo; a professora Simone Pereira Schmidt; o professor Nsimba José; o professor Mwewa Lumbwe; o professor Amurabi Pereira Oliveira e Nataniel Cassoma Kuanza.

Muito obrigada por terem aceito o nosso convite. Espero que todas e todos possam aproveitar este momento de aprendizado sobre a África no contexto da internacionalização da UFSC.

Prof. Gilvan Muller de Oliveira

Muito boa tarde. É um grande prazer estar no terceiro programa do Conexões UFSC: Internacionalização na Prática, conversando com o Instituto Kadila, na pessoa da professora Ilka Boaventura Leite, logo após o Dia da África, que é o dia 25 de Maio. Como nós sabemos, esse dia celebra a criação da Organização da Unidade Africana, hoje União Africana, com sede em

Adis Abeba, que foi um marco divisório entre um momento em que o continente esteve colonizado sobretudo por europeus, e o momento em que o continente passou a ser formado por Estados livres, administrado pela sua própria população. Sabemos que hoje a África tem 54 países, onde se falam mais de duas mil línguas diferentes e que é caracterizada por uma incrível diversidade de culturas e de situações econômicas e que está sujeita a uma série de novas condições nesse mundo multipolar que começa a se formar.

Então, vou passar a palavra à professora Ilka, que vai apresentar o Instituto Kadila e vai, junto com seus colegas, responder à pergunta inicial, que é “Com qual dessas Áfricas ou com quais dessas Áfricas o Instituto Kadila se relaciona?” Professora Ilka, por favor.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Então, boa tarde a todos, todas e todes. Professor Agripa, Professor Gilvan, Fernanda Leal, uma grande amiga e parceira do Instituto Kadila. Eu gostaria de também cumprimentar os colegas que foram convidados para estar aqui com a gente hoje nesse evento, além das pessoas que estão assistindo.

Eu trouxe para vocês algumas palavras de apresentação do Instituto Kadila e, em seguida, vou chamar colegas que já foram anunciados aqui para que eles possam dar o seu depoimento como integrantes do Instituto e poderem dialogar também com o professor Gilvan, com o professor Agripa e a Fernanda sobre as atividades da internacionalização da África aqui na nossa Universidade, com os nossos parceiros de outros países.

Eu começaria dizendo que a nossa aproximação com a África vem de um longo processo de criação do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER), aqui da UFSC, em que o nosso principal tema em questão era os estudos afro-brasileiros. A partir dessa experiência houve um processo de aproximação com a África, através da orientação de estudantes que fizeram pesquisas sobre diferentes países africanos.

E eu queria, talvez, analisar com vocês o percurso de criação do Instituto Kadila, que se iniciou sobretudo em 2007, quando eu fui fazer uma pesquisa de campo entre Portugal e Moçambique, em licença sabática com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em seguida, através de um edital da Capes, o Pró-África, eu retornei a Moçambique outras vezes. Da primeira vez fui fazer uma pesquisa sobre Arte Contemporânea denominada “Olhares de África; lugares e entre-lugares da Arte na Diáspora”. A partir de 2008, iniciei um novo projeto através do Edital Pró-África/Visitas Exploratórias denominado “A Trilogia das novas famílias: ampliando o debate e o conhecimento sobre a dimensão sócio-cultural do HIV/AIDS (SIDA) no Brasil e Moçambique”, que aconteceu entre 2008 até 2010 e por meio do qual realizamos várias viagens a Moçambique e organizamos, com cineastas moçambicanos, festivais de cinema para debater produções cinematográficas dos dois países sobre a AIDS em Maputo e diversas capitais brasileiras e universidades.

Em 2011, através de uma orientanda que se encontrava em pesquisa de campo em Angola, iniciei um contato com a Universidade Agostinho Neto e com o Centro de Estudos do Deserto, através do seu coordenador o professor Samuel Rodrigues Aço, do Departamento de

Antropologia. Apresentei em 2012 o projeto “Kadila, Culturas e Ambientes: diálogos Brasil-Angola” à Capes/ Edital Mobilidade Internacional (CAPES/AULP) do Ministério da Educação do Brasil, que se iniciou em 2013, envolvendo o NUER/UFSC e o [CE.DO](#), Universidade Agostinho Neto. Elegeu-se o Observatório da Transumância como eixo articulador das pesquisas interdisciplinares, através de duas áreas: 1-Língua, discurso, poder e identidades; 2-ambiente, transformações e impactos. Integraram a equipe professores e professoras das áreas de Antropologia, História, Linguística, Geografia, Ciências Sociais e Educação e também estudantes das duas universidades.

A primeira viagem, para estabelecer os contatos iniciais e assinatura do Acordo de Cooperação Técnica, foi realizada com apoio da SINTER, que inclusive nos acompanhou até o Namibe, na sede do Centro de Estudos do Deserto e onde estabelecemos os primeiros contatos com as comunidades locais. Nesta oportunidade entreguei ao Soba, o líder local, a primeira dissertação, orientada por mim sobre os pastores do deserto.

É a partir daí que aprofundamos nossos contatos e as viagens em missão de estudos, pesquisas e formação de estudantes do Brasil e Angola. Um dos resultados do projeto é o livro, publicado em 2018 e lançado por mim na Universidade Agostinho Neto, juntamente com a professora e linguista Amélia Mingas, que veio substituir o professor Samuel Aço, falecido no ano anterior.



Então, essas etapas aqui descritas foram relevantes para a criação do Instituto Kadila. Exatamente porque nós aprofundamos as nossas experiências com populações locais e pudemos, inclusive, aprofundar também a nossa relação com a Universidade Agostinho Neto, com o Centros de Estudos do Deserto, o Instituto Politécnico do Huambo, da Universidade Eduardo dos Santos e com outras universidades angolanas, como o ISCED, o ICAN, o Museu Antropológico e Instituições de Ensino em Lubango e Benguela.

Em 2017, realizamos um outro projeto antigo, já tentado algumas vezes, de integrar o doutorado interdisciplinar do Centro de Ciências Humanas da UFSC. Reunindo professores e professoras que já trabalhavam com a África e Estudos Afro-Brasileiros na UFSC, apresentamos a proposta de criação da Área de Concentração “África e suas Diásporas” ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da UFSC e fizemos a primeira seleção de doutorandos/as em 2018.

O passo seguinte foi a criação do Instituto, uma vez que muitos desses professores também integravam o Projeto Kadila desenvolvido nos anos anteriores. Um dos objetivos do Instituto era incorporar não somente o corpo docente do doutorado mas também jovens professores e professoras recém-doutores e pesquisadores e estudantes em todos os níveis de formação na Universidade. Então, para isso, mantivemos o caráter interdisciplinar do Instituto, embora ele esteja vinculado ao CFH.

Essas etapas aqui descritas foram muito importantes para consolidar conhecimento, estudos e pesquisas, acervos e uma equipe expandida que hoje constitui o Instituto Kadila. Tendo sido fundado em novembro de 2022, já obtivemos alguns resultados importantes que vou descrever a seguir:

Eu destacaria, em primeiro lugar, o livro já mencionado “Kadila Culturas e Ambientes”, organizado por mim e pela colega Cristine Gorski Severo. Também é importante mencionar as viagens, missões, acordos de cooperação técnica, monografias, dissertações, teses, seminários, cursos, oficinas e sobretudo o estreitamento de relações com os estudantes africanos e africanas

da UFSC, provenientes de vários países do Continente africanos. Nos dois últimos anos fizemos contatos também com Senegal, Namíbia, África do Sul, e temos pesquisadores que trabalham no Mali e Quênia.

Então a gente tem aí um conjunto e uma amplitude de possibilidades, de transformar esse Instituto num espaço de debate, de conhecimento e de ampliação dos estudos sobre a África na nossa Universidade.

Na Área de África e suas Diásporas do doutorado temos duas subáreas: a) Processos Políticos coloniais e pós-coloniais; b) Produções sócio-culturais e artísticas. O folder do Instituto Kadila, como se pode ver, tem uma relação direta, inclusive em termos de imagem, com essa ideia dos dois lados do Atlântico, das relações atlânticas entre Brasil e o continente africano:



O Instituto conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) e a parceria de vários laboratórios e núcleos vinculados aos diferentes centros da UFSC, tais como:

- Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas/NUER (CFH)
- Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura/LHSTC (CFH)
- Laboratório de Estudos do Espaço Rural/LabRural (CFH)
- Alteritas (CED)
- Núcleo de Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos/Políticas (CCE)
- Núcleo de Estudos de Literatura Atual/LITERATUAL (CCE)
- Núcleo de Estudos Comparados de Literaturas Africanas/ NECLA (CCE)
- Eirenê (CCJ).


kadila
Instituto de Estudos Africanos e das Diásporas
UFSC

institutokadila@gmail.com
www.kadila.net.br
YouTube: @institutokadila
Sede: Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC


kadila
Instituto de Estudos Africanos e das Diásporas
Universidade Federal de Santa Catarina

E vocês podem consultar com mais detalhes as atividades científicas e culturais do Instituto durante esses anos através do nosso Site (<https://kadila.cfh.ufsc.br/>) e Instagram (<https://www.instagram.com/institutokadila/>). A seguir, vou falar dos principais objetivos, ações e metas do Instituto:

Objetivos:

- Reunir e articular estudos e pesquisas, em diversos níveis de formação e profissionalização, ampliando o conhecimento sobre o continente africano e as diásporas africanas nos mais diversos campos, áreas e saberes.
- Promover e realizar atividades científicas e culturais que possam ativar laços e fortalecer os contatos nos diferentes níveis: local, regional, nacional e internacional.
- Articular diversos setores da sociedade, tais como comunidade, movimentos sociais, ativistas e artistas, comprometendo-nos com os direitos humanos, a promoção da igualdade de gênero, a promoção de políticas públicas e a transformação social.
- Constituir acervos documentais e bibliográficos relativos às temáticas afrobrasileiras e africanas.

Ações e Metas:

- Atender aos estudos, pesquisas e ações comunitárias na área dos estudos de África e suas diásporas com vistas às diversidades de públicos e necessidade diferenciadas, articulando professoras/es, pesquisadoras/es e estudantes em múltiplas ações.
- Apoiar campanhas humanitárias, de cidadania e direitos humanos.

- Articular ações com os núcleos de estudos afro-brasileiros e os centros de estudos africanos no Brasil e no Exterior.
- Participar de redes de pesquisas sobre África e estudos afro-diaspóricos com universidades, núcleos, grupos de pesquisas e entidades da sociedade civil voltadas para o tema.
- Promover e incentivar a publicação de trabalhos científicos, didáticos e informativos.
- Incentivar a mobilidade acadêmica de docentes e discentes entre instituições nacionais e internacionais.

A nossa equipe de pesquisadores, visitantes, associados e estudantes que fazem parte hoje do Instituto Kadila são mencionados na página: <https://kadila.cfh.ufsc.br/equipe/>

Temos, como vocês podem ver, professores que predominam áreas de humanas, mas nós temos assessores de antropologia, de sociologia, política, de história, de linguística, literatura, geografia, educação. E também temos aqui os nossos associados. O professor Nsimba, que foi convidado hoje para falar, a professora Mwewa, que tem feito um trabalho muito interessante com a gente ta, o estudante Nataniel, dando seu depoimento sobre as ações do Instituto Kadila junto com a Associação dos Angolanos aqui em Florianópolis.

O Instituto também tem um conjunto de núcleos e laboratórios afiliados que nos apoiam nas nossas iniciativas ativas e nos nossos seminários com seus professores e estudantes. Então, aí nós temos o Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER); o Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (PoLiTicas); o Laboratório de

Estudos do Espaço Rural (LabRural); o Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura (LHSTC); o Núcleo Literatual e o Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA).

Os colegas aqui vão falar sobre os principais projetos que hoje o Instituto Kadila vem desenvolvendo. Mas eu acho que é importante que vocês possam entrar no nosso site e conhecer o que acontece dentro de cada um desses projetos.

Sobre os projetos que estamos desenvolvendo neste momento:

Temos um projeto que se chama “África na UFSC” que estamos buscando conhecer a ou as várias comunidades de estudantes de África que estudam em nossa universidade. E principalmente descobrindo a vasta e enorme produção que a UFSC, tem sobre o continente africano: monografias, dissertações e teses que se referem ao continente africano e seus diferentes países, que é uma produção que a gente pretende visibilizar em forma de um artigo em que analisamos este produção.

Temos o Seminário “África: Vozes e Pensamentos”, em que o objetivo é amplificar as vozes dos grandes filósofos e pensadores africanos/as dos diferentes países da África. Temos outro projeto que é o “Línguas africanas”, onde a gente sistematicamente, a cada ano temos buscando visibilizar uma língua tradicional através de oficinas e palestras. Já fizemos um curso de kikongo, já fizemos eventos sobre o Suaíli e sobre o Iorubá, inclusive estendendo para as diásporas aqui no Brasil. Temos as oficinas de leitura que a Simone, que está aqui, vai poder falar sobre elas, e o Seminário Anual Kadila, em que elegemos um tema importante para abordar a cada ano.

A gente também está formando uma biblioteca sobre a África, sobre diferentes países, que já está inclusive disponível no nosso site para consulta. Mas há uma biblioteca física na nossa sede do Instituto que vocês podem visitar e podem também pesquisar sobre os assuntos que nós temos lá. É uma biblioteca com uma parte geral e a outra parte dividida nos vários países africanos.

Para fechar minha apresentação, eu queria dizer, principalmente, que nós consideramos que **a África não é somente uma localização geográfica, é uma ficção política construída pela colonização e pela modernidade** e, portanto, é uma espécie de cartografia colonial moderna na qual entram essas experiências coloniais das Américas também. Então, a ideia das diásporas africanas é sempre trazer essas questões e essas correlações entre o Brasil, as Américas e os diferentes países africanos.

As Américas são compreendidas aqui como também diaspóricas numa perspectiva em que o conceito de diáspora é bem aberto e que propicia exatamente a compreensão de um processo muito dinâmico e muito vasto e em larga escala, em diferentes tempos históricos de continuidades e conexões, onde a gente trabalha sobretudo discussões onde entram autores como o W. E. B Du Bois, o Cheik Anta Diop, Frantz Fanon, Paul Gilroy, VY Mudimbe, e muitos outros.

Então, é por aí que a gente vem trabalhando essas questões. E é por aí que o nosso instituto vem movendo as suas ações aqui na Universidade e fora dela.

Podemos chamar a seguir a professora Christine Gorski Severo para falar um pouco sobre os trabalhos na área de linguística que ela vem desenvolvendo no Instituto.

Prof.^a Cristine Görski Severo

Olá, colegas, boa tarde. Uma alegria estar aqui com o professor Gilvan, colega do Departamento de Letras, professor Agrippa. Um prazer. Reitero aqui toda essa retomada muito breve, histórica, que a professora Ilka fez. Enfim, é um trabalho com muitas frentes e uma profundidade também de trânsitos e conexões.

Não tem como expor tudo, mas, muito brevemente, a nossa parceria data de 2013, pontualmente. Quando a gente faz então essa missão para Angola e a partir daí a gente começa a alinhar uma relação mais consistente com esse país, especialmente com a Universidade Agostinho Neto, através da figura ilustre, a grande linguista angolana Amélia Mingas, que na época se tornou uma parceira, enfim, com quem a gente travou um diálogo muito intenso e tivemos através dela acesso também ao conhecimento da Universidade.

A Universidade Agostinho Neto na época estava se estruturando em relação à valorização e aos estudos das línguas angolanas, africanas, de base africana, especialmente de origem banto. A partir daí, a gente foi intensificando essa rede de conexão com pesquisadoras e pesquisadores africanos, pontualmente ali em Angola. Mas, paralelamente, a gente também articulou uma aproximação forte na retomada dos contatos da professora Ilka com Moçambique pelos estudos da arte e linguagem.

E aí talvez a nossa referência à nossa grande parceira professora Ezra Nhampoca que inclusive finalizou seu doutorado aqui na UFSC e ainda é uma grande parceira e é uma liderança na Universidade Eduardo Mondlane. Então vejam aí que a gente tem duas universidades em Angola e Moçambique de referência com a linguística, os estudos da linguagem assumindo um ponto muito importante uma centralidade que não só como debate acadêmico intelectual, mas como debate político.

Então, junta se a isso o ativismo linguístico dessas pesquisadoras, especialmente em defesa e valorização das línguas africanas, especialmente as línguas africanas de origem banto, especialmente nesse contexto aí de Angola e Moçambique, enfim, e toda a política implicada, por exemplo, no contexto educacional. E aí a gente tem vários trabalhos feitos em parceria, muitos estudantes e que vêm de Angola, Moçambique, estudar conosco na área de estudos da linguagem, pensando políticas de educação bilíngue para aqueles contextos políticas de educação intercultural bilíngue para contextos rurais, especialmente em Angola, em Moçambique, enfim.

Esse debate foi tomando corpo nessa parceria e, de certa forma, tem contribuído também para uma inovação no campo teórico e metodológico, no âmbito das políticas linguísticas, educacionais e políticas linguísticas pensadas para contextos multilíngues. Então, o contexto africano, como o professor Gilvan trouxe, é um contexto multilíngue, né? Multilinguismo é língua franca de África, digamos assim. Então o campo dos estudos da linguagem acaba ficando muito sensível a esse debate e ao quanto os intelectuais africanos têm trazido muitas inovações e muitas contribuições para nossa área.

A gente percebe, como a Ilka falou, que é uma via de mão dupla. O que os intelectuais têm nos ensinado, esses pesquisadores africanos, é que, de certa forma, a referência monolíngue para se pensar questões de língua é algo muito retrógrado. A gente ainda tá lá no século XIX, quando a África tá muito na frente em termos de uma mentalidade multilíngue, um modo multilíngue de ver o mundo, de ver as instituições, de ver.

Inclusive quando a gente pensa nas políticas institucionais, aí para questões de língua. Então. E brevemente era essa minha fala, minha contribuição aí para a formação discente, para parcerias com instituições, com colegas, para produção de inovação acadêmica, intelectual, enfim, eu falei só dois exemplos de Angola e Moçambique. Mas é claro que as nossas parcerias englobam também outros contextos. Pesquisadores da África do Sul, do Zimbábue, enfim, e de outros contextos também, inclusive da parte norte de África, né?

Ou, digamos assim, o mundo árabe, né? Especialmente se a gente pensar Egito, Enfim, Sudão, né? Estamos parcerias também, especialistas nesse contexto. Então fico por aqui pra não tirar o tempo de outros colegas e outros colegas.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Obrigada, Cris. Vamos chamar então a Simone pra falar um pouco do projeto que ela está desenvolvendo agora lá com a gente no Instituto.

Prof.^a Simone Pereira Schmidt

Olá, boa tarde a todas e todos colegas. Estou aqui hoje, principalmente, para falar de um projeto que está sendo desenvolvido por mim e pela Professora Ilka também. Trata-se do projeto das Oficinas de Leitura, que está em andamento desde 2023. Estamos já na terceira edição dessas oficinas. São atividades de leituras e debates para as quais trazemos a experiência de conhecimento das literaturas africanas, que é oferecido a todos os interessados - não só para os estudantes da UFSC, mas também para professores e comunidade.

As oficinas propõem momentos de compartilhamento de leituras que são modos de não apenas tomar contato com autores e textos africanos, mas também de discutir história, sociedade, culturas, filosofias e tudo mais que perpassa esses textos. Em 2023, nós fizemos a primeira edição desse projeto, sobre escritoras africanas. A partir de minha posição como crítica feminista, tenho desenvolvido um olhar mais atento para a produção literária de autoria feminina. Daí porque a primeira iniciativa, naturalmente, foi abordar as escritoras africanas. Nessa sua primeira versão, portanto, a Oficina de Leitura se dedicou a examinar obras de escritoras africanas de várias nacionalidades.

Na segunda edição, em 2024, trabalhamos com a questão das autoras afrodiáspóricas, nas Américas, no Caribe, na Europa, e agora, em 2025, temos outra oficina, que está motivando bastante o público, que aborda o cinema e a literatura produzidos na África, em perspectiva comparada. Nesta iniciativa, estamos assistindo a diversos filmes de cineastas africanos, e debatendo-os em diálogo com as literaturas de diversos países do continente. Importante destacar

que temos, nessa abordagem, várias literaturas, e vários cinemas africanos. Nessa oficina contamos com a presença de alunas e alunos de diversas procedências: de Moçambique, Angola, República Democrática do Congo, Guiné-Bissau, além de Venezuela, Argentina e, claro, Brasil.

Essa diversidade de origens e histórias de vida tem enriquecido grandemente o debate, trazendo as próprias experiências de todos, que, somadas e repartidas, resultam em intenso gesto de partilha. Creio que é basicamente essa a iniciativa que trago, resumidamente, para relatar neste momento.

Além disso, temos mantido contato frequente com escritoras e escritores africanos. É o caso, por exemplo, da escritora Odete Semedo, da Guiné-Bissau, que entrevistamos recentemente no projeto *África Vozes e Pensamentos*. Ela é, sem dúvida, uma grande escritora e pensadora sobre a cultura do seu país, tendo inclusive sido, entre outros cargos, ministra da Educação na Guiné-Bissau. Temos também participado de eventos em Cabo Verde, Moçambique, e não podemos também deixar de mencionar a atividade de orientação de estudantes africanos que vêm fazer sua formação na UFSC.

Esses estudantes costumam encontrar no Instituto Kadila um lugar de acolhimento, onde se sentem participando de algo que lhes diz respeito, entrando em contato com temas e pessoas com os quais eles podem dialogar, tanto academicamente quanto, inclusive, em questões significativas para sua própria subjetividade. São essas as questões centrais de meu depoimento. Passo a palavra aos demais colegas.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Então eu queria ouvir um pouco o professor Amurabi, que é da nossa área de África, que também é do Kadila e também é coordenador do programa de doutorado Interdisciplinar.

Prof. Amurabi Pereira de Oliveira

Vamos lá. Boa tarde a todas as pessoas que estão aqui conosco e estão nos assistindo, gostaria de agradecer o convite da Sinter. Gostaria de agradecer à professora Ilka, que além de ser uma liderança dentro do Kadila foi uma das primeiras pessoas que me recebeu na UFSC, quando eu cheguei em Florianópolis há 11 anos.

Apesar de o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) e o Instituto não se confundirem enquanto estruturas, é importante enfatizar que ainda é um desafio para a UFSC que os institutos sejam reconhecidos como estruturas próprias dentro da universidade. Ainda não existe, dentro do regramento institucional da UFSC, essa “figura”

Todavia, existe uma relação muito íntima entre esses dois espaços, porque, de fato, como a professora Ilka recapitulou, houve a criação de uma área de concentração dentro do PPGICH, a área de África e suas diásporas.

Mas eu acho que a gente pode pensar isso em dois níveis. E o primeiro nível é pensar que o diálogo com a África nesse programa ocorre de forma bastante intensa na área de concentração. Mas também na interface com as outras áreas do Programa. Se a gente pensa e aí vem essa visão de coordenador, fechamos o quadriênio agora, a gente teve treze disciplinas

oferecidas por professores estrangeiros, a grande maioria financiado pelo Capes e que incluiu um diálogo também com o Sul Global. Vieram professores de África lecionar disciplinas no nosso programa, o que reflete um pouco as redes que o programa foi construindo ao longo do tempo e eu acho que também, se a gente pensar numa visão mais macro e num diálogo mais amplo com as políticas públicas que vêm sendo feitas tanto na CAPES quanto o CNPq, um dos nossos desafios ainda é o de produzir diálogos e projetos com o Sul Global, um diálogo Sul-Sul.

Isso tem sido enfatizado em chamadas recentes, tanto da Capes quanto do CNPq, e ainda é um desafio para os professores e professoras, para os estudantes pensar esse diálogo em termos de circulação. Desse modo, se a gente pensar a produção de um instituto específico para produzir diálogos com a África é uma forma não apenas fomentar mas também a gente pensar isso da institucionalidade ao diálogo que a universidade quer produzir na comunidade e até bem recentemente, a gente teve uma mudança e novas diretrizes para repensar a internacionalização da UFSC.

Diálogo sobre isso é, de fato, talvez um dos nossos maiores desafios. Como é que a gente pensa a universidade hoje, no século XXI, em diálogo não apenas com o norte global, né? O que eu estou pensando? Claro, eu estou pensando na ampliação de diálogos, não em restringi-los. Não estou dizendo que a gente não tem que dialogar com a Europa, com os Estados Unidos, com o que quer que seja, mas ampliar diálogos, dialogar com a América Latina, dialogar com a África, com a Ásia, com outros lugares do mundo.

Então acho que a gente consegue dar essa visibilidade, como foi trazida pelos colegas anteriormente e o que tem sido feito não apenas através da Pesquisa da Pós-Graduação e inclusive o próprio instituto disponibiliza as produções acadêmicas dos pesquisadores vinculados ao Instituto. Ou seja, é possível aferir essa produção acadêmica em periódicos nacionais e internacionais, coletâneas no Brasil e no Exterior, mas também ações que vão para além disso, pensando ações de extensão, pensando ações que são de uma formação continuada.

Eu penso muito no papel dessas oficinas que a Simone tem coordenado sobre literatura, que está profundamente afinado com o debate que a gente tem, que ainda é um desafio da Lei 10.639, que existe há mais de 20 anos. E ainda é um desafio formar com qualidade professores que possam dialogar com a história cultura afro brasileira, tanto em termos de formação inicial quanto em termos de formação continuada.

Então, só para a gente encerrar, é assim: A gente pode pensar que talvez um Instituto em articulação com a pós graduação, consegue dar conta de um dos desafios da nossa universidade, um desafio na direção da internacionalização, cada vez mais plural, cada vez mais de mão dupla também, né? Da gente pensar não apenas em enviarmos estudantes, professores, mas receber também professores, estudantes, como também da gente pensar esse desafio que é também da formação inicial e continuada em todos os níveis.

Como é que a gente pode pensar esse desafio? Inclusive, que o nosso Programa, apesar de claramente ser um doutorado acadêmico, mas nós recebemos, por exemplo, inúmeros profissionais de educação que vêm fazer doutorado conosco. Ou seja, ainda que seja um

doutorado acadêmico no sentido estrito, ele também ocupa um impacto social bastante significativo em termos de pensar o impacto para outras realidades, para formação continuada.

E vou finalizar com um único exemplo que eu acho bem importante. E aí, novamente, nessa visão de coordenador, na qual visão institucional, quando a gente tem que indicar questões de destaque do quadriênio, o que a gente indicou foi uma atuação de uma colega que também faz parte, o Instituto, a professora Beatriz, uma amiga que é do departamento de História que ela participou, por exemplo, da equipe que realizou uma pesquisa que desvelou a relação entre o Banco do Brasil e os lucros que o Banco do Brasil teve com processos de escravização de pessoas ao longo do século XIX e que implicou no processo de Ministério Público que se reverterá em políticas públicas compensatórias para essas populações.

E ela também está vinculada a nossa área de concentração e vinculada ao Instituto. O que eu quero dizer com isso, que talvez é um desafio também, além da universidade que nós queremos visibilizar. Mas o que faz a pesquisa acadêmica? O impacto que ela pode ter na vida das pessoas? É isso, obrigado.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Obrigada, Amurábi. Então. Vamos prosseguir chamando os outros convidados. Vamos então chamar o professor de Nsimba José, da Universidade Agostinho Neto, Angola.

Prof. Nsimba José

Olá, Tudo bom? Boa tarde a todas as pessoas, a todos os professores, a todas as professoras. É um prazer enorme participar desse encontro que me permite inclusive, rever

algumas pessoas muito queridas que já não vejo há bastante tempo. Nessa fala da professora Ilka, a professora Simone, a professora Cristiane, a professora Mwewa, enfim. E quanto ao meu depoimento, eu vou deter-me mais especificamente na questão que diz respeito à importância do Instituto Kadila com a África de uma forma geral e com a Angola de forma em particular.

E neste ponto eu gostaria primeiro de falar sobre o meu primeiro contato com o projeto, que na verdade foi com o NUER na altura, em 2015, quando de alguns encontros técnicos de cooperação entre o NUER e a Universidade Agostinho Neto e também com a Faculdade de Letras da mesma universidade que eu cursei a Faculdade de Humanidades. Então, na época eu fui inclusive contemplado com uma bolsa de estudo e pesquisa na UFSC e pude lá estar.

Então acabo hoje, agora a sinalizar um desses pontos relevantes, não no ponto de vista pessoal, mas pensar o coletivo justamente porque eu sou um, dentre outros exemplos de colegas africanos e colegas africanos. Claro que têm participado efetivamente e ativamente no NUER. Então é isso. É também importante sinalizar o seguinte: Que esta cooperação tem trazido muito resultados positivos.

E justamente pensando casos concretos como o meu e de outros colegas angolanos, por exemplo, que também estiveram na UFES em 2015 e participando de aulas, inclusive de pesquisa. A minha. Isso foi muito bom para essa troca, para esse intercâmbio, mas também da parte do Brasil, temos casos bem concretos, porque a professora Ilka, inclusive, orientou uma das colegas que fez doutorado sanduíche, esteve em Angola para a pesquisa de doutorado, pesquisa de campo.

Então esse trânsito, digamos, a Angola, Brasil, Brasil, Angola vem beneficiar as pessoas destes dois contextos e já com a criação do Kadila enquanto instituto. Eu entendo que essa parceria tornou-se muito mais forte, muito mais sólida, mas também pensando sempre que é um projeto que está em construção, nesse sentido. Tal como foi dito anteriormente, há várias ações, há vários projetos que ainda nem sequer foram concretizados, mas eles existem, o que significa que com o passar do tempo, eu não sei. Talvez tão breve, talvez não tarde também, claro, tendo sempre em conta os financiamentos para que esses projetos sejam materializados, nem refletindo sempre, vamos assim dizer, essa reciprocidade. E que se repitam tanto na parte do Brasil quanto na parte de África. E também falar um pouco sobre a minha ida para o Brasil, mais especificamente na UFSC, que para fazer o doutorado e também como na verdade, na sequência dessa parceria que já se tinha iniciado com o Projeto Kadila.

Então, estando, por exemplo, a fazer doutorado, participei de vários encontros do kadila no que diz respeito, por exemplo, a criação e a promoção de cursos e de minicursos e que, dentre outros aspectos que têm estado a focalizar e apontou questões de linguagem, questões de língua, questões de literatura e pensar a literatura, inclusive teve um curso que eu também acho muito interessante, que eu acabei por ministrar na altura.

Creio que foi em 2003, que foi uma contribuição em torno da língua Kikongo e as suas poéticas. E isto foi mais no sentido de a gente poder ter um conhecimento geral, se assim posso dizer, em torno de uma produção estética e simbólica que se põe fora das paisagens, fora das páginas de papel. Então, este é um dos projetos que faz parte da linha de frente de ações que o

Kadila e tem levado a cabo, mas não é única nem tal como foi dito anteriormente e a professora o fez questão de mencionar isso na apresentação. São várias ações, são vários projetos, são vários eventos. Então todos eles, na verdade acabam sendo esse lugar de troca, de socialização de conhecimento fundamentalmente. Então, em poucas palavras, é isso que eu tenho para dizer e agradecer mais uma vez.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Obrigado Nsimba. Vamos chamar então a professora Mwewa. Olá, Como vai Mwewa?

Prof.^a Mwewa Lumbwe

Boa tarde a todos. É um prazer estar aqui para falar sobre a importância do convênio assinado em dezembro de 2023 entre a Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e a Universidade de Kamina/UNIKAM, na República Democrática do Congo, a minha Universidade. Esse acordo representa um avanço significativo para o intercâmbio acadêmico e cultural entre o instituto Kadila da UFSC e os docentes e a comunidade de da Universidade de Kamina.

Isso porque, como todo mundo sabe, temos a barreira das línguas. Então o acolhimento do instituto do Instituto Kadila permite de poder usufruir desse intercâmbio assinado entre as duas universidades. Um exemplo claro desse impacto é o caso do professor Muleka Ditoka wa Kalenga, docente da UNIKAM e vice-diretor do espaço desta universidade no Brasil. Ele pretende compartilhar suas descobertas sobre os jogos educativos africanos nas escolas

quilombolas de Santa Catarina, contribuindo diretamente para o projeto de licenciatura quilombola do Instituto Kadila.

No meu caso, como docente da UNIKAM e diretora do espaço dela no Brasil, esse intercâmbio tem sido fundamental, pois o atual reitor ficou meio apreensivo quanto ao convênio, sendo que foi o antigo reitor que assinou. O convênio foi provocado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, onde terminei o meu doutorado. Fui acolhida na UFSC para fazer este doutorado.

Então eu achei essa a minha convivência na UFSC muito importante, para isso interessei o antigo reitor a assinar o convênio. Logo depois entrou o novo reitor e por sorte, este foi meu orientador do doutorado, fato que facilitou a aceitação. Só que ele disse, mas quem vai administrar esse convênio, pois a língua é uma grande barreira entre os dois países? Mas já que você está aí, então você vai ser a diretora para poder administrar esse convênio e outros, e seu marido que é o professor Muleka vai ser o vice diretor.” Isso porque como eu já tinha sido acolhida pelo instituto Kadila, então tinha mais possibilidade de estar em movimento com a UFSC.

Além disso, participo de vários projetos promovidos por este Instituto, incluindo pesquisa sobre linguísticas, com a professora Cristine. Também fiz uma apresentação que está no na página do YouTube do Instituto sobre a língua Swahili de Lubumbashi que é o meu foco de estudos. Pois a língua Swahili tem várias tendências dependendo do espaço geográfico, como por exemplo o Swahili do Quênia, o da Tanzânia. Então o meu foco é disseminar o

Swahili de Lubumbashi at nos quilombos do Brasil e o acolhimento dessa idéia pelo Instituto Kadila é de grande relevância quanto para a UFSC como para a UNIKAM. Em 2009 perdemos um convênio que acabou sem nenhum intercâmbio efetivo entre os órgãos das universidades brasileiras e a nossa universidade. Então, aqui na UFSC temos o Instituto Kadila que nos acolheu totalmente para poder ter vários intercâmbios, além de várias trocas e que a partir disso, a UNIKAM tem demonstrado crescente interesse nos acontecimentos da UFSC, fortalecendo a colaboração entre as duas instituições.

Por isso, este convênio não é apenas um documento administrativo, mas sim uma ponte para trocas acadêmicas, culturais e científicas essenciais para todos os envolvidos. Acredito que por meio dessa parceria teremos muitas oportunidades para aprofundar nossos conhecimentos, fortalecer nossas pesquisas e construir laços duradouros. Finalizo agradecendo mais uma vez a UFSC e especificamente o Instituto Kadila. Espero que essa live seja mais um espaço de troca e aprendizado.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Obrigada, Mwewa. Por fim o estudante que veio aqui falar, o Nataniel. Podemos chamá-lo. Vamos lá Nataniel.

Nataniel Cassoma Kuanza

Boa tarde a todos. Primeiramente quero agradecer o convite da professora Ilka. É um prazer. Estou representando a Associação de Angolanos em Florianópolis, Os estudantes angolanos na UFSC que também tem aqui a ideia das demais universidades, eu agradeço por

convite, é um enorme prazer. Aqui está melhor ainda poder compartilhar esse encontro com pessoas que eu admiro, o contato com uma pessoa, a Ilka, com a professora Cristine e professor Gilvan e demais membros que aqui fazem parte, são pessoas de referência não só para mim, mas para muitas outras pessoas, seja na questão de estudos linguísticos, literários ou assim por diante.

Agradeço muito. Eu vou procurar ser muito breve, já que o tempo já foi esgotado. E para dizer que a Associação Associação de Angolanos aqui em Florianópolis já existe há um bom tempo, há mais de dez anos, que existe a Associação, porém, ela começou a ser bem mais estruturada, a língua segar, mais forma como associação, como entidade em si, dentro e fora da universidade, no período mais ou menos de 5 a 25 anos e em 2002 1022, que eu pude dizer assim.

Eleito como presidente da Associação. E uma das coisas que eu vi é que nós, como associação, temos muitas limitações em poder fazer o poder atuar como associação, como reabilitação de alunos. Aqui em Florianópolis. E uma das coisas que poderia muito nos ser útil é a parceria cria parcerias e dessas parcerias, posso aqui frisar, com este direito tocado pela associação, eu podia sim.

E logo que foi fundada a medida do Kadila em 2002, a UFSC, que é eu tomo posse e começou a nós. Começamos a direção a trabalhar como representante da associação em 2023. Nós criamos essa parceria e essa parceria de Deus, essa parceria tão, tão, tão, tão significativa para nós, que surtiram muitos bons efeitos positivos. E eu, desses, acho que o pessoal chegou a ver ou teve notícia que foi notícia nossa destaque aqui em Santa Catarina, mais no Brasil.

Quando nós celebramos a Independência de Angola em 2003, e pudemos assim também, juntamente nessa parceria com Instituto Kadila, também reforçar aqui. Assim o interesse esteve conosco muito parceiros escolhido e pudemos trazer o Rei nem o rei de Angola, Latino Gunga. Foi aqui que. Sexto Lendo a história do Brasil. Que isso podemos dizer assim um marco histórico e é algo que foi inédito de acontecer.

Mas aconteceu isso tendo Kabila também conosco. A professora Yuka, professora Cristine e a pessoa Simone, entre outros, a mesma professora e a doutora Fernanda. Então foi uma das atividades que marcou muito, não são nesta atividade que teve a aula Magna do Rei latim Gol e Equipe Festo, mas também as outras atividades que envolveu a nossa Associação, tal como teve o meio África também sido educado e ela teve conosco assim e muito firmemente, nas atividades culturais acadêmicas de esportivas.

Não está só no âmbito acadêmico, mas também desportivo, que teve ali em 2024. Foi o mesmo processo sempre ali, como nossos parceiros. E uma das coisas que também nós tivemos como associação. Terminando a minha fala é nós conseguimos ver na gestão que eu fiz parte, terminando a minha gestão, na qual fui presidente e consegui mos alguns móveis para associação e desses móveis nós tivemos dificuldade em poder onde colocar, já que nós tínhamos a intenção e ainda temos a intenção e a pretensão de ter uma sede física que é algo difícil tanto na UFES como fora da UFES, que é termos como associação.

Mas é possível que o Kadila, como também esteve ali, nos ajudou na questão da logística, em poder guardar esses móveis e assim, para que não pudéssemos perder esses móveis que são

da associação e conseguimos preservar e guardar muito bem esses móveis. Então a do Kabila tem sido uma grande parceira assim dele também. Reforçar aqui tem sido uma grande parceira e espero que continuemos nessas parcerias daqui para frente.

Espero por, espero que só melhore. Do mais, muito obrigado pela fala e pela oportunidade. Obrigada Nataniel. Então, acho que já chamamos todo mundo. Acho que não está muito bem. Ótimo, então talvez ainda tenhamos um pouco de tempo para as perguntas. Eu fico muito contente de ouvir os colegas e saber um pouco da história do Instituto e também das relações que estabeleceu.

Muito importante dar visibilidade para esses e para esses esforços. E justamente esse é o objetivo do programa Conexão UFSC. Como que a internacionalização acontece no dia a dia? Como que ela acontece na prática docente, nas pós graduações e naqueles que estão organizando o olhar da universidade para um determinado rumo, por um determinado lugar do mundo? Nesse caso, a África, onde eu tive prazer de viver durante quatro anos e em Cabo Verde, de 2010 a 2014 e eu gostaria de começar com uma questão.

Prof. Gilvan Müller de Oliveira

A professora Ilka citou os cursos de línguas africanas, o curso de kikongo, por exemplo. Como é que funcionam esses cursos, como é que eles foram dados? Poderia nos explicar um pouco mais para motivar os alunos e professores da UFSC a se dedicarem a aprender línguas africanas? Comentou-se que a língua pode ser uma barreira, mas a língua também pode ser uma

oportunidade para superação dessas barreiras. Então, como são esses cursos que o Kadila organiza?

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Olha, a gente tem como principal meta conhecer os vocabulários e as línguas africanas. Em 2022 fizemos uma exposição no Hall do Centro de Eventos da UFSC. Apresentamos um levantamento de todos os estudantes africanos que estão matriculados aqui na universidade. Descobrimos que tínhamos na UFSC mais de 300 estudantes de 22 países do continente africano (hoje são quase mil, segundo dados da Sinter).

Então começamos a pesquisar quais as línguas que se falam nesses países, além da língua do colonizador e apresentamos vários quadros com essas línguas e iniciamos uma conversa sobre esse assunto com os demais estudantes. E, além disso, consideramos que trazer à baila essas línguas como tema de debate e dar a elas uma visibilidade, além de despertar a curiosidade dos estudantes permite que eles passem a perceber quem são os estudantes que estão aqui, suas línguas e culturas. A maioria desses estudantes fala três, quatro línguas além do português, língua oficial de seus países. Isso denota uma riqueza cultural imensa que a nossa universidade passa a conhecer. Então, o primeiro curso de língua africana foi o curso dado pelo professor Nsimba José, que chamou “o Kikongo e suas poéticas”. Ele deu seu depoimento aqui e comentou essa experiência, eu acho que ele poderia falar melhor do que eu.

Foi um curso em forma de oficinas que visava dar alguma familiaridade com a estrutura do Kikongo, as relações que essa língua tem com a língua colonial (o português) e as suas

correlações com o que nós vivenciamos no Brasil, nas diásporas brasileiras, sobretudo, que nos provoca certo estranhamento de algumas formas de se falar do português, decorrentes exatamente do contato do português com essas línguas desde o período colonial. Então foi uma oficina maravilhosa de vários encontros, onde tivemos muitos estudantes frequentando e o objetivo não era falar essa língua, mas era ter um contato e conhecer a poética dessa língua. Depois tivemos várias palestras sobre essas línguas.

A professora Mwewa Lumbwe ministrou uma palestra sobre o suaíli. Depois tivemos uma outra palestra sobre o Yorubá com o professor Félix Ayohmidire, da Universidade Abafemi Awolowo, de Ile-Ifé, Nigéria, medada pela profa. Cristine Gorski e seu projeto em Políticas Linguísticas e o nosso objetivo de trazer para dentro do Instituto essas experiências, exatamente para desenvibilizar essas línguas e valorizá las como uma riqueza cultural do continente.

Então nós já convidamos a professora Ezra Nhampoca por exemplo, para dar um curso sobre a língua changana. Quer dizer, nós vamos pouco a pouco trazendo palestras e é uma forma de invisibilização também. A professora Cristiane poderia falar sobre o projeto Multilinguismo, que ela está desenvolvendo agora no Instituto, mas acredito que ela já está ausente da live.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

É uma pena, mas ela está fazendo uma pesquisa no Instituto e uma pesquisa financiada pelo CNPq, onde ela está fazendo um levantamento sobre as línguas faladas pelos nossos estudantes aqui da UFSC, as suas línguas locais, as suas línguas nativas. É uma pesquisa ampla, com ajuda inclusive da professora Mwewa, que vai nos auxiliar nessa parte com os alunos da

República do Congo e as línguas que envolvem o suaíli e as demais faladas na região. É uma pesquisa que se iniciou agora em março e trata-se de um levantamento amplo. Eu imagino que isso vai gerar novos desdobramentos dentro do Instituto, mas infelizmente eu não poderia falar muito. Eu gostaria que a Christine falasse na medida em que é um projeto que ela está desenvolvendo com apoio do Instituto.

Muito bem. Como estamos com o tempo um pouco curto, antes de passar a palavra ao professor Agripa para alguma pergunta, eu queria lembrar que, além dos estudantes que foram citados estudantes estrangeiros da UFSC, assim, ele está desenvolvendo uma proposta de especializações online e tivemos o prazer de trabalhar com a professora Susan de Oliveira na transformação de um curso de especialização em Literaturas Afro Brasileiras e Africanas Online, num curso que envol envolveu 100 novos alunos estrangeiros, a maioria deles de países africanos de língua portuguesa.

Então, assim ter e a Secretaria de Ensino a Distância e este, muito especialmente este curso, abriram a possibilidade para muitos novos alunos de países africanos e também se tornarem estudantes da UFSC. É uma iniciativa que pode ser replicada com outras especializações no futuro. Passa então a palavra ao professor Agrippa para suas considerações e perguntas. Obrigado, professor Gilvan. Hoje estou muito contente, muito feliz de ter assistido a apresentação.

Prof. Agripa Faria Alexandre

A demonstração pública do Instituto e complementando, talvez a minha pergunta vai no sentido de que o Instituto oferece a participação para os estudantes da UFSC e para o público externo, a UFSC também. E também se há alguma, algum vínculo ou alguma facilidade com o nosso curso de Relações Internacionais para que os estudantes possam participar, vai nessa direção.

Obrigado, professora Ilka e ao grupo pela excelente apresentação do trabalho de vocês. Fico muito honrado.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

Então professor, nós tínhamos um dos núcleos que fazia parte do Instituto na sua criação, e o Irené, que é um grupo do curso de Relações Internacionais. Assim também com o Alteritas, da Educação, que foram dois núcleos que se desvincularam do Instituto no primeiro ano da sua criação. E eu acho que foi uma perda para nós porque tanto a área de educação como a área de relações internacionais é muito importante para o Instituto.

Mas a gente espera que essas áreas sejam preenchidas por novos projetos e novos grupos dentro da universidade, que possam somar a gente. Agora temos também a presença de muitos estudantes de relações internacionais que são filiados ao Instituto. Eu não tive oportunidade por causa do tempo dado, da escassez do tempo, mas eu não pude falar nem sobre o projeto da licenciatura quilombola que nós estamos desenvolvendo na UFSC, inclusive com o apoio da Susan e da Secretaria de Ensino a Distância. E núcleo de Literatura africana, coordenado pela

Susan é um dos núcleos filiados ao Instituto. Nós temos acompanhado o trabalho dela nesse programa de especialização em literatura africana aqui na universidade.

Eu tenho acompanhado de perto esse curso e ela tem nos auxiliado enormemente na parte da implantação do curso de Licenciatura Quilombola, que já começou, inclusive já está em andamento e que é financiado pelo PARFOR do MEC, onde estão sendo contratados muitos professores, inclusive de fora da UFSC, para trabalhar nesse curso. E é um curso que vai ser dado na comunidade quilombola de Invernada dos Negros em Campos Novos. A grade curricular desse curso envolve muitas, muitas disciplinas sobre línguas, inclusive o contato com línguas e oralidades africanas. É uma pena que eu não tive a oportunidade de desenvolver mais sobre esse projeto aqui com vocês, para a gente poder falar mais sobre ele.

A profa. Mwewa inclusive citou a participação do esposo dela, o prof. Muleka, que é da área de Ciências e Matemática, que colaborou na elaboração do Plano de ensino de Etnomatemática e tem também outras áreas, química, ciências da natureza, ampliando também a participação de professores da UFSC, Atualmente o Curso tem professores de 15 departamentos da UFSC que vão colaborar com essa licenciatura. Então é um projeto também que futuramente vai dar o que falar e é um dos projetos também apoiados pelo Instituto Kadila.

Prof. Gilvan Muller de Oliveira

Perfeito. Muito obrigado! Então eu passo a palavra à Fernanda novamente. Antes disso, gostaria de agradecer a vasta exposição de relações que o Kadila possibilita. Muito importante

que a Universidade considere uma ampliação das possibilidades de internacionalização a partir de vários núcleos dos vários institutos e centros que trabalham diariamente nesse tipo de área.

Muito obrigado, então, a todas, a todos e, Fernanda, vamos nos encaminhando para o final.

Prof.^a Ilka Boaventura Leite

E eu também gostaria de agradecer esse convite. É uma oportunidade que a gente tem de mostrar um pouco do nosso trabalho e ampliar os nossos contatos também com vocês, para que a gente possa também fortalecer a internacionalização da nossa universidade. Muito obrigada.

Fernanda Leal

Eu agradeço muito aos parceiros de projeto da Sinter, professor Gilvan e professor Agripa, por estarmos juntos nessa atividade, que é recente, mas que tem sido incrível. Agradeço também a professora Ilka e a todos os parceiros do Kadila que participaram da entrevista.

Realmente foi uma aula muito inspiradora. Penso que o trabalho que vocês desenvolvem nos leva a pensar a internacionalização de uma maneira diferente da forma como ela foi constituída. Isso passa muito pelo pela compreensão do quão imerso em uma matriz cultural de poder colonia esse processo está.

E nós podemos pensar em “outras internacionalizações da educação superior” a partir do que já é feito dentro da nossa Universidade. Obrigada aos que nos acompanharam aqui também no YouTube. Informo que o vídeo ficará disponível no canal “UFSC Internacional” para que todos possam assistir. Muito obrigada.